

Os cereais em Portugal: sem risco de roturas, mas a precisarem de mais produção

Os últimos acontecimentos globais¹ trouxeram à tona preocupações em torno da elevada dependência de Portugal do exterior no mercado de cereais. A continuada urbanização de terrenos rurais, as alterações nos hábitos alimentares, o aumento da área de regadio e consequente alteração das culturas nessas áreas e a quase estabilização dos preços pagos aos produtores explicam a redução da área dedicada à cultura de cereais e consequente diminuição da produção de Portugal nas últimas décadas.

A perda de relevância da cultura de cereais ocorreu, desde logo, na superfície agrícola utilizada para o seu cultivo e estagnação das quantidades produzidas. Em 2020, a área cultivada era de 208 mil hectares, menos 64% do que em 2000, refletindo-se numa redução de cerca de 30% na produção. No mesmo período, o consumo aumentou apenas marginalmente (5%), mas o suficiente para que o grau de autoaprovisionamento caísse para 20%. Estes números colocam Portugal muito abaixo do nível de autoaprovisionamento a nível mundial (mais de 50%). As perdas de autoaprovisionamento ocorreram em todos os cereais, salientando-se os de maior consumo. No trigo a queda foi de cerca de 20% em 2000 para 6% em 2021 e no milho de 43% para 24%. O centeio e a aveia, onde Portugal era praticamente autossuficiente no início do século, registam atualmente graus de aprovisionamento de 49% e 27%, respetivamente.

A perda de relevância económica dos cereais é também evidente no valor produzido, que atualmente representa apenas 4% do total da produção agrícola, menos quase 3 pontos percentuais do que em 2000. O milho surge como o cereal de maior relevância, representando em 2022 66% da produção total de cereais (mais 10 pontos percentuais) do que em 2020; seguido do trigo 17% do total produzido e o arroz (10%).

No mesmo período, o consumo total de cereais manteve-se relativamente estável, apresentando entre 2000 e 2022 um crescimento médio anual de 0,2%. Por tipo de consumo, houve uma queda do consumo humano e para utilização industrial e aumento do consumo animal, correlacionado com o aumento da produção animal. Por cereal destaca-se o aumento do consumo de cevada, sobretudo pelo setor industrial, refletindo o crescimento da produção de cerveja (em termos médios anuais, o consumo total de cevada aumentou 5,8%, mas a parte destinada à indústria aumentou 9%).

Neste contexto de elevada dependência de importações para satisfação das necessidades de consumo interno, o impacto dos constrangimentos associados à guerra na

1. Pandemia e guerra na Ucrânia.

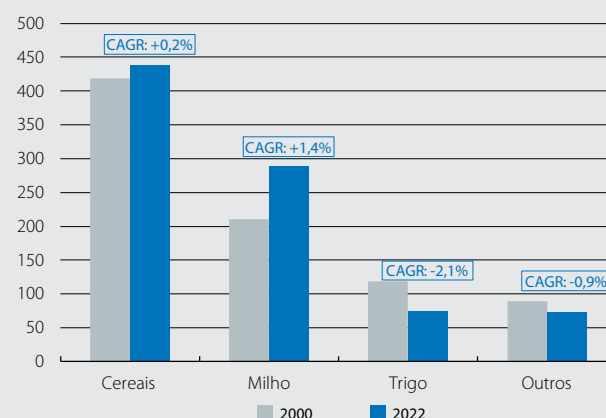
Indicadores cultura de cereais

	2000	2021	CARG
Superfície cultivada (mil hectares)	578	208	-4,7
Produção (mil toneladas)	1.614	1.118	-1,7
Produtividade (Kg/ha)	2.793	5.372	3,2
Consumo total (mil toneladas)	4.474	4.711	0,2
Humano	1.303	1.207	-0,4
Animal	2.517	3.043	0,9
Industrial e outros	654	461	-1,7
Autoaprovisionamento (%)	34	19	-2,6

Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Cereais: evolução da produção

(Preços correntes)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Ucrânia sentiu-se sobretudo ao nível do encarecimento das importações líquidas de cereais. Em 2022, as importações líquidas de exportações estavam cerca de 43% mais caras do que em 2021, explicando 95% do agravamento do défice face a 2021. De facto, no último ano, o défice da balança de cereais atingiu 1,3 milhões de euros, mais 440 milhões do que em 2021.²

Entre os vários cereais destaca-se a dependência das compras ao exterior de milho e trigo. O primeiro representa 52% das toneladas de cereais importadas e 50% do défice da balança de cereais; no caso do trigo, as percentagens são 27% e 33%, respetivamente.

Em termos da estrutura de fornecedores, Portugal estava menos exposto à suspensão dos fornecimentos oriundos da Rússia e da Ucrânia. A importância da Rússia é pratica-

2. Em 2022, o comportamento muito mais positivo das exportações do que das importações, que em valor praticamente duplicaram (+98%), enquanto as importações aumentaram 56%. Em quantidade, as primeiras cresceram cerca de 83% e as segundas 10%.

mente nula (em termos médios representou apenas 2% das importações de cereais entre 2017 e 2021); e a Ucrânia, embora representando 10% do total importado, aparece em 4º lugar, depois de Espanha (20%), França (19%) e Brasil (17%). Esta diversidade de fornecedores facilitou que, em 2022, Portugal facilmente encontrasse substituto para a diminuição das importações da Ucrânia (que ainda assim representaram 8% do total de cereais importados). O Brasil tomou o primeiro lugar como fornecedor com uma quota de 28% (tirando partido do bom ano agrícola naquele país).

No milho, que representa mais de 50% das importações de cereais – a Ucrânia representava antes da guerra 37% das suas importações, um pouco acima da quota do Brasil (32% do total), que em 2022 passou a contar para um pouco mais de 50% das importações deste cereal.

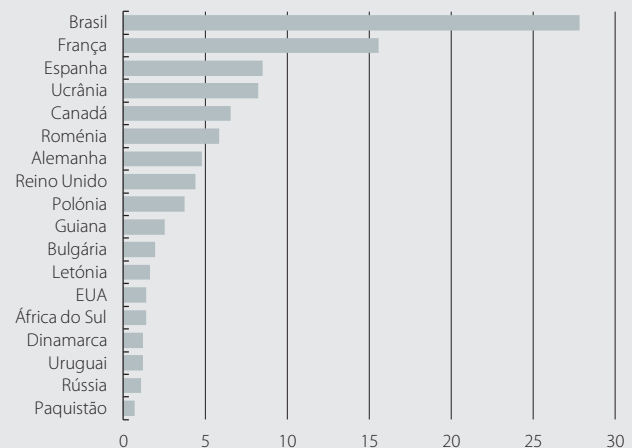
No caso do trigo, segundo cereal mais importado por Portugal, a Ucrânia tinha pouco significado (2% do total importado) e França manteve-se como principal fornecedor com uma quota de quase 60%.

Tendo em conta a estrutura nacional das importações de cereais e a capacidade de canalizar eventuais suspensões para outros fornecedores, atribuímos baixa probabilidade que situações de rotura se verifiquem, e os principais riscos relacionam-se principalmente com a evolução dos preços, ainda muito dependente da situação na Ucrânia. Mas neste capítulo, as notícias são moderadamente positivas. Beneficiando do acordo negociado em julho pelas Nações Unidas, que permite a exportação de cereais ucranianos a partir do porto de Odessa e as boas notícias relativamente às colheitas em países como os EUA e Brasil, o preço dos contratos de futuros para 2023 sugerem alguma correção nos preços dos principais cereais. No caso do milho e do trigo, os dois cereais mais importados por Portugal, a correção implícita nos respetivos contratos de futuros é de 7,4% e 12,6%; na cevada, terceiro cereal que Portugal mais importa, a correção é de 26,7%. A confirmação deste cenário trará algum alívio tanto no comportamento da balança comercial como nos preços praticados junto do consumidor.

Na balança comercial (dos cereais), admitindo estagnação das quantidades importadas e exportadas, a incorporação desta correção no preço unitário das importações e exportações refletir-se-ia na redução do défice da balança comercial de cereais de cerca de 34%, ou seja, menos 153 milhões de euros do que em 2022.

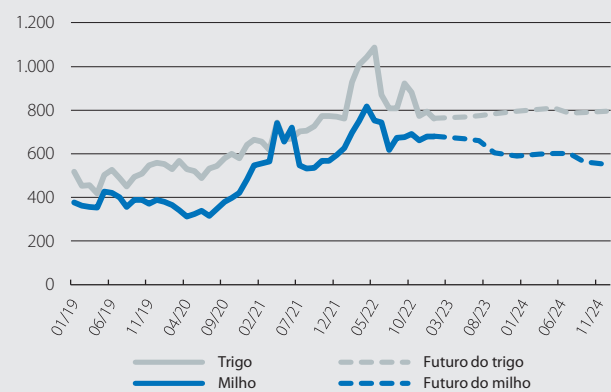
No consumidor, a correção face a 2022 será moderada, tendo em conta que os preços continuarão muito acima do que eram antes da guerra, mas começará a sentir-se, na medida em que em média antecipamos que em 2023 a inflação dos bens alimentares ainda se situe em torno dos 10%, apenas 2 pontos percentuais abaixo da do ano anterior.

Cereais: origem das importações em 2022
(Quantidades em % do total das importações de cereais)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Cereais: preços e preços dos contratos de futuros
(USD/BU)



Fonte: BPI Research, com base em dados da Bloomberg.

A manutenção de preços mais elevados face ao histórico poderá trazer algumas vantagens ao nível da rentabilidade, sobretudo se realmente os preços de outros fatores que afetam os preços no produtor como o dos fertilizantes e dos combustíveis, tiverem comportamentos mais positivos, como se espera, beneficiando da regularização das cadeias de abastecimento global, favorecendo o incremento da produção.

Teresa Gil Pinheiro